



Violência e Religião: do cotidiano à globalização

Violence and Religion: from everyday life to globalization

Maria Clara Bingemer*

A violência tornou-se um fato massivo nas sociedades contemporâneas, a ponto de constituir um verdadeiro desafio para a consciência moral do nosso tempo. Sua generalização apresenta-se como um paradoxo no momento em que cresce nossa compreensão dos fenômenos naturais e sociais, avançam o saber científico e as conquistas da razão e em que a consciência do valor e do respeito à vida pareciam afirmar-se de modo indiscutível.

Justamente no século que deixamos para trás, e neste que iniciamos já há mais de uma década, a violência vem se apresentando em suas formas mais insidiosas, mais cínicas, num grau de refinamento que provavelmente supera em muito os períodos mais cruéis da história da humanidade. Genocídios e torturas “cientificamente” organizados; perseguições de todos os matizes; depurações raciais e “limpezas étnicas”; êxodo forçado de populações inteiras e grupos sociais indefesos; terrorismo em formas inumanas; segregação e/ou exclusão econômica, racial e religiosa; todos são comportamentos individuais e coletivos que traduzem nada mais, nada menos, do que o simples e cruel desejo de destruir o outro. E fazem tristemente parte de nosso cotidiano.

Como se isto não bastasse, o desenvolvimento técnico-científico deu origem a novas formas de coação moral e física que possibilitam a manipulação e a violação das consciências, verdadeira indústria da alienação e do cerceamento à liberdade. Essas formas são muito provavelmente as mais danosas, pois, manipulando habilmente as motivações, tendem a encerrar o indivíduo numa rede invisível, fazendo com que ele se torne mais prisioneiro na medida em que se sente mais livre. Organizadas técnico-cientificamente, estas formas de coerção moral são insensíveis, pois surpreendem a consciência quando ela se encontra indefesa, apoderando-se da vontade dos indivíduos. E por isto talvez constituam a forma mais ameaçadora de violência e o maior dos desafios para o futuro da humanidade. Pois, contra a brutalidade explícita pode-se supor uma reação que se imponha por si mesma, ao

* Doutora em Teologia Sistemática (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma), Pós-Doutorado pelo Katholieke Universit t Leuven, B lgica (2005), professora do Programa de P s-gradua o em Teologia da PUC-Rio. Pa s de origem: Brasil. E-mail: agape@puc-rio.br

passo que as técnicas de adestramento e condicionamento tendem a conquistar a convivência quando não a cumplicidade daqueles que são enredados em suas malhas.

Talvez a mais diabólica vitória da violência seja não deixar ninguém fora de seu envolvimento tentacular. Não podemos deixar de perceber, necessariamente, que estamos todos implicados. Somos todos vítimas de uma história patológica. E o segredo para que haja uma “cura” coletiva, um processo solidário de cura, é conscientizar-se desse processo e assumir que estamos todos doentes desse mal, ou pelo menos dele convalescendo.

Reconhecer a carga de agressividade e violência que se encontra em todos e em cada um de nós é o único caminho possível para orientá-la em outra direção, tomar outro caminho e poder aproximar-se dos poderosos e violentos com atitudes e palavras que tenham a esperança de sensibilizá-los. É caminho para ver, também, que não se trata apenas de um problema pessoal, mas também e igualmente estrutural. Estruturas que significam condições de comércio totalmente erradas e injustas, desejo de hegemonia por parte de grandes potências, dissipação de riqueza na corrida armamentista e na exploração das nações pobres são um desafio à consciência da humanidade e uma chamada à responsabilidade de todos e de cada um.

A ideologia da modernidade, por outro lado, canonizando o sucesso, a eficiência, a força, contribui para que a violência vá encontrando cada vez mais justificativas de cidadania no mundo em que vivemos. A própria manutenção do *status quo* é renovadora da violência, instituindo uma “razão que se constitui em arma” e a justificativa da cultura que defende o poder e estimula seu uso indiscriminado.

Há uma falta de sentido para a vida, que se caracteriza pela busca desenfreada do “ter” em lugar do “ser” e pelo desperdício dos próprios bens que são consumidos vorazmente e entram rapidamente em estado de obsolescência. Este estado de coisas cria sempre novos ídolos ameaçadores, que colocam a violência como meio justificado para perseguir fins que na verdade não são mais do que meios.

As relações humanas, em nível mais pessoal, também passam por esta valorização do ter, geradora de violência. As relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre amigos e parceiros, enfim, entre as pessoas em geral, são permeadas pela violência, na medida em que carecem quase que totalmente de uma gratuidade, que desemboca numa substituição da própria presença (ocupada em correr atrás do sucesso e do lucro) por presentes materiais; a substituição do dom de si por coisas, ou mesmo por punições em caso de desagrado, termina por gerar pessoas desequilibradas e, por sua vez, igualmente violentas. A sociedade contemporânea carece de uma lógica do dom e da gratuidade que a presida, em vez da violência do consumo que lhe devora as entranhas.

No mundo de hoje, a violência manifesta-se praticamente em todas as suas formas, desde a mais banal como a agressão física, armada ou não, branda ou brutal, até às mais insidiosas como a segregação econômica e racial, passando por aquelas formas televisivas que não apenas manipulam as consciências, mas que também acabam por reproduzir e banalizar a violência instituída como expressão da nossa sociedade, fazendo com que ela deixe de ser um escândalo moral e político para um número considerável de nossos concidadãos.

A violência, para qualquer um no mundo de hoje, está longe de ser um tema teórico. Pelo contrário, de uma maneira assustadoramente concreta, entra pelas casas e corpos, ameaça a vida em todas as suas dimensões e vai deixando, por onde passa, um rastro de morte e destruição. Atinge e implica todos os setores da vida, inclusive a religião.

Um dos problemas maiores que se coloca para a humanidade neste primeiro quartel do século XXI é a relação entre a religião e a violência. Todos os observadores dos fatos e grupos sociais o reconhecem. Basta mencionar, para tal, os casos de violência “permanente” em termos mundiais: o conflito perene entre árabes e judeus que resulta no assassinato tanto de chefes de estado, como o ministro Ytshak Rabin, como na morte de inúmeros civis, entre eles jovens e crianças; está ainda o conflito que já se arrastou por alguns sangrentos anos, da Bósnia, com requintes de violência e barbárie; o crescimento dos diversos tipos de fundamentalismo; as manifestações neo-nazistas na Europa Central; o êxodo incessante de africanos que aportam às costas da Europa e o de latinos que cruzam as fronteiras dos Estados Unidos, sendo violentamente reprimidos pelas polícias locais. A violência cobre o planeta em muitos de seus pontos mais importantes, muitas vezes relacionada de perto com a religião e seus fanatismos e subprodutos, tais como os fundamentalismos de toda espécie, as guerras santas, as “limpezas étnicas” e outros.

As análises feitas sobre este fenômeno, no entanto, permanecem, na maior parte das vezes, na superfície das coisas. Não retêm nada além da emergência sempre mais forte dos “integrismos” de toda espécie, focalizando suas reflexões preferentemente sobre o fundamentalismo muçulmano.

Ora, parece-nos que a questão é na verdade muito mais ampla e profunda. Não atinge apenas os integrismos, mas muitas das próprias práticas religiosas e as religiões mesmas, inclusive as grandes religiões do Ocidente e as religiões monoteístas. E isto em termos de compreensão e de prática.

A questão da violência e do mal - e, por contraste, também da não-violência - está, portanto, no centro da reflexão hodierna sobre a religião e o fenômeno religioso. E mostra com clareza que este é inseparável das repercussões políticas que pode ter sua administração

e sua reflexão em todos os níveis. Por isto, parece-nos que igualmente e não menos tem que estar no centro do pensamento teológico cristão ocidental, assim como das ciências que se ocupam do estudo das religiões. Através dessas áreas de estudo e pesquisa se pode trazer iluminações verdadeiramente primordiais e - ousaríamos dizer - definitivas - para todo o pensamento ético e religioso que se elabora em torno a esta questão neste final de século.

É inevitável a constatação de que a violência permeia toda a história da humanidade, desde a antiguidade, chegando aos nossos dias, e apresenta um rosto multifacetado, onde cabem desde os jogos do circo romano, a tortura, passando pelo genocídio, o terrorismo, o infanticídio e outras variadas formas.

Por outro lado, é importante situar a violência no horizonte que lhe é próprio, ou seja: para além dos limites do que é lógico e pensável, no campo do irracional e, por isto mesmo, do perturbador. Neste sentido, o tema da violência faz fronteira com algo que também é impensável racional e filosoficamente. Algo que, portanto, também e igualmente, releva do ilógico e do perturbador: o amor, o desejo, a bondade, a fé, a comunicação com o Transcendente.

Para encontrar a interface entre violência, religião e política, há que situar-se, portanto, nesta raiz mais profunda da violência, reconhecendo a contribuição indispensável das ciências sociais na análise de suas causas remotas e imediatas, mas nelas não se detendo, e procurando ir mais longe, até onde a análise da realidade cede lugar à reflexão sobre os fundamentos do que é o humano.

Para a teologia e as ciências da religião interessa sobretudo a possibilidade real de uma ética fundada na articulação de coisas tão verdadeiras e no entanto tão pouco palpáveis pelas ciências empíricas como o amor e a verdade, criadores de liberdade e possibilitadores de um *ethos* da paz e da não violência. Importa contribuir modestamente para a descoberta dos caminhos de uma ética construtiva, de respeito a direitos individuais e coletivos e para o levantamento de elementos para a crítica de uma ética destrutiva e suicida. Importa erigir uma ética que abre caminho para o *ethos* do amor e deixa livre caminho à palavra da teologia.

Esse caminho aberto na verdade tem a ver com a compreensão do ser humano como ser provisório e de passagem. Ser “pático” (de paixão) e ser pascal (de passagem), o ser humano não é chamado a construir sua sabedoria e sua ética enquanto “ciência do mal”. E a violência que aflige e dizima nossas sociedades hoje é convocada a se defrontar, para decifrar seus próprios enigmas, com uma “ontologia relacional” que inverte as equações e cria, a partir do ilógico do amor, uma nova lógica.